

LULA RESGATA PRESTÍGIO DO BRASIL



Lula faz discurso histórico na COP 28 ao cobrar a responsabilidade de grandes potências sobre crises climáticas e Brasil retoma protagonismo internacional

focus
BRASIL

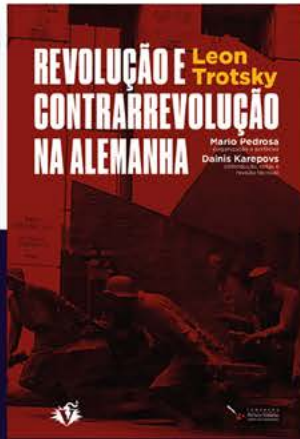
Em vez de joias, Lula traz investimentos

Entrevista: Eliana Alves Cruz reflete sobre literatura

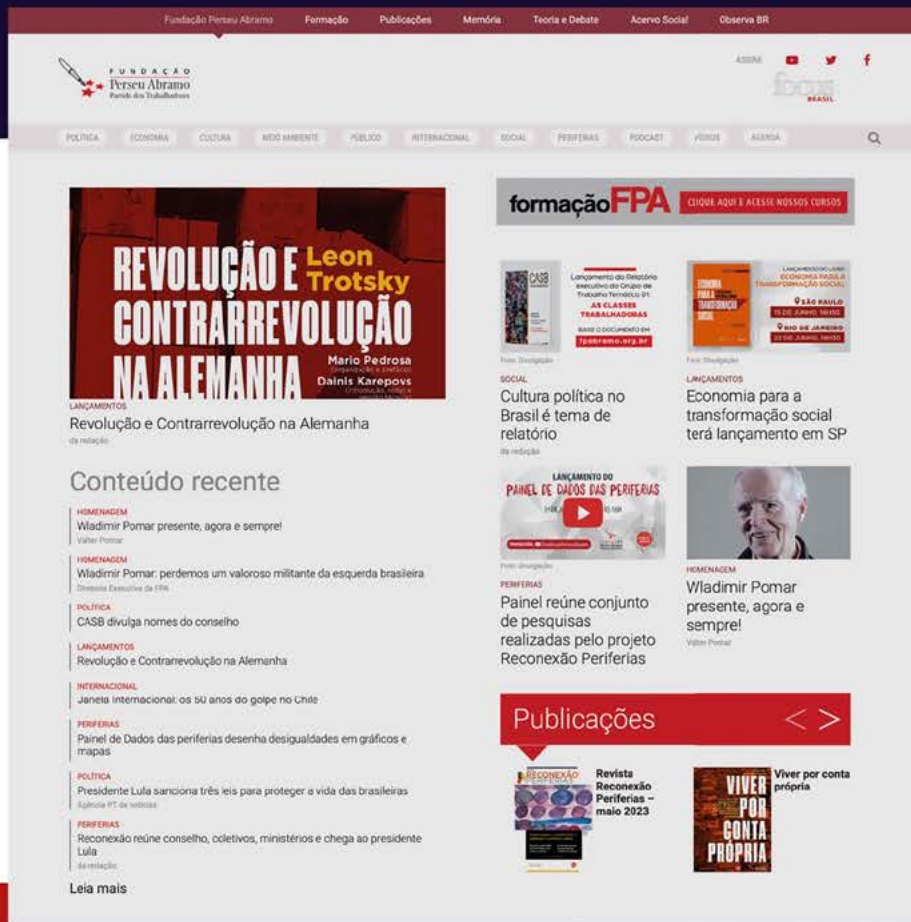
Leia íntegra do discurso de Lula na abertura da COP 28

FLIP 2023 consagra Conceição Evaristo

CONHEÇA A FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO



27 ANOS PRODUZINDO CONHECIMENTO E FORMAÇÃO POLÍTICA



ACOMPANHE NOSSOS CANAIS E RECEBA NOSSAS PUBLICAÇÕES!



www.fpabramo.org.br



@fpabramo



Fundação Perseu Abramo



@fpabramo



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

O RENASCIMENTO DE MARX

ORGANIZADO POR MARCELLO MUSTO

adquira seu exemplar em: autonomialiteraria.com.br



focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: Pedro Camarão

Edição: Guto Alves

Diagramação: Nathalie Nascimento

Colaboradores: Bia Abramo, Fernanda Estima,
Fernanda Otero, Guto Alves, Isaías Dalle



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar, Valter Pomar e Virgílio Guimarães

CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana Maria de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton Ferreira Viana, Camila Vieira dos Santos, Celso Luiz Nunes Amorim, Dilson de Moura Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio, Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel, Fernando Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada Lopes, José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima, Laís Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif, Sandra Maria Sales Fagundes, Sergio Nobre, Tereza Helena Gabrielli Barreto, Vladimir de Paula Brito.

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário), Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas (Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres), Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência), Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana
São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

CONTRIBUA COM A REVISTA REVISTA RECONEXÃO PERIFERIAS

Convidamos ativistas, coletivos e movimentos para contribuírem com a Revista Reconexão Periferias de fevereiro.

O tema do mês será sobre as ruas, como espaços de disputa, defesa da democracia e também alegria, nas festas populares do carnaval. **Textos, artigos, fotos, ilustrações, poemas e toda forma de expressão que possa estar consolidada na Revista são bem vindos!**

Envie um e-mail para estudosperiferias@gmail.com para maiores informações.

SERÁ MUITO LEGAL TER A PARTICIPAÇÃO DE VOCÊS!



REVISTA
RECONEXÃO
PERIFERIAS



LIDERANÇA CLIMÁTICA

Presidente Lula retoma viagens internacionais para participar da COP 28, que acontece em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, até o dia 12 de dezembro. Destaque no evento desde a abertura, Brasil selou acordos em viagens de Lula a Arábia Saudita, Qatar e Alemanha em busca de selar e recuperar liderança climática

LULA NA COP 28

Presidente vai a Dubai para a Conferência do Clima e cobra comprometimento

Página 06

EM VEZ DE JOIAS... Agenda de Lula garante acordos bilaterais e investimentos

Página 10

ENTREVISTA Escritora, jornalista e roteirista, Eliana Alves Cruz é a entrevistada da semana

Página 12

HISTÓRICO Leia na íntegra o discurso de Lula na abertura da COP 28

Página 20

BRASKEM Governo mobiliza ministérios e acompanha de perto a crise da petroquímica em Maceió

Página 22

DEZEMBRO VERMELHO Governo anuncia investimentos para detecção rápida de ISTs

Página 24

PLENO EMPREGO Artigo do Líder do PT na Câmara, Zeca Dirceu destaca desempenho econômico

Página 29

ARTIGO Escritora Juliana Borges escreve sobre a lista de autoras da prova da Fuvest

Página 32

FLIP DE EVARISTO Na festa literária de Paraty, Conceição Evaristo foi o grande destaque

Página 35



JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA

Alberto Cantalice

Ainda em 2018 começou a se ventilar no interior do Partido dos Trabalhadores a criação do Ministério da Segurança Pública, separada do Ministério da Justiça.

Iniciou-se uma reflexão que demonstrava que a delegação do constituinte originário em 1988 de colocar a Segurança Pública como responsabilidade dos estados mostrou-se um equívoco.

Ao invés de optar para uma corresponsabilidade entre os entes federados tal qual a Saúde com o SUS e a Educação com o Fundef, depois Fundeb, a pauta da Segurança nos governos da redemocratização continuou secundarizada.

A falta de investimento nos

mecanismos de inteligência, a sucateização das polícias judiciárias e a promiscuidade entre as bandas podres da polícia com o crime criaram essa explosão de insegurança que vive a população brasileira atualmente. A maioria dos governadores reforçou o contingente das polícias militares criando uma falsa sensação de segurança dada a ostensividade da ação das PMs.

Ao colocar a segurança dos cidadãos única e exclusivamente nas mãos da polícia militarizada deslocou-se o eixo original da função policial: a prevenção e a punição dos ilícitos penais e escalando a repressão que em muitos casos pelo despreparo se volta contra a própria população. Principalmente os moradores das áreas periféricas.

A Polícia Militar por mais numerosa que seja não consegue sozinha dar conta da escalada

de mortes, estupros, casos de pedofilia, furtos e roubos, violência doméstica e familiar, dentre outras práticas criminosas. O narcotráfico e as milícias agem hoje ao estilo da máfia italiana, dominando territórios e sendo a "lei e a ordem" nas áreas de sua dominação.

A corrupção nas polícias serve de "salvo-conduto" para a proliferação do crime e sua ação além-fronteiras com atuação em todos os estados e conexões internacionais.

Só uma ação coordenada a partir do governo federal pode fazer o enfrentamento necessário à escalada criminosa.

À frente da pasta unificada o ministro Flávio Dino pela sua experiência e competência de juiz e governador deu conta do recado. Para ocupar o seu lugar precisamos de alguém com a mesma expertise. •



BRASIL RETOMA PROTAGONISMO

Ao viajar para Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, para participar da COP 28, Lula retoma agenda de viagens internacionais num movimento de reconstrução da imagem do país, deteriorada por Bolsonaro. Além dos destaques anunciados na Conferência, Lula visitou e anunciou acordos na Arábia Saudita, Qatar e Alemanha

Entrando no último mês do primeiro ano de governo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva retomou a agenda de viagens internacionais em razão da COP 28, a Conferência das Nações Unidas sobre o Clima que acontece em Dubai até o dia 12 de dezembro.

Na sessão de abertura da Conferência, o presidente do Brasil fez discurso histórico, aproveitando a oportunidade para cobrar das potências mundiais o cumprimento de compromissos estabelecidos para o enfrenta-

mento do aquecimento global.

“O planeta está farto de acordos climáticos não cumpridos. De metas de redução de emissão de carbono negligenciadas. Do auxílio financeiro aos países pobres que não chega. De discursos eloquentes e vazios. Precisamos de atitudes concretas. Quantos líderes mundiais estão de fato comprometidos em salvar o planeta?”, questionou o presidente. “O 1% mais rico do planeta emite o mesmo volume de carbono que 66% da população mundial”.

O chamado do presidente a

uma ação internacional imediata e concreta encontrou eco automático. A perspectiva de cobrar o cumprimento de metas antigas acordadas e por uma mudança no padrão que permite que as mudanças climáticas causem mais danos e prejuízos às populações mais pobres também foi bem recebida por diversos integrantes do evento.

No sábado, 2, Lula fez reunião histórica com 135 organismos da sociedade civil. Evento reuniu porta-vozes dos povos indígenas, quilombolas comunidade científica e da juventude brasileira.

A atividade foi organizada pela Secretaria-Geral da Presidência da República, com a participação dos ministros Márcio Macêdo (SG-PR), Marina Silva (Meio Ambiente e Mudança do Clima), Sonia Guajajara (Povos Indígenas) e Mauro Vieira (Relações Exteriores). “É minha quinta COP e nunca tive nenhum momento como esse, de sentar com um chefe de Estado do Brasil para construir uma política ambiental”, relatou Dinaman Tuxá, coordenador da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib)

Durante a Conferência, o governo brasileiro também anunciou a criação de um fundo global para financiar a conservação de florestas tropicais por meio da captação de 250 bilhões de dólares, que pode beneficiar cerca de 80 países. A iniciativa foi apresentada pela ministra do Meio Ambiente e Clima Marina Silva e pelo ministro Fernando Haddad. “Vamos criar condições para que países desenvolvidos possam ajudar a proteger as florestas. Terão retorno por seus recursos e, ao mesmo tempo, o retorno da proteção da biodiversidade e das florestas”, afirmou Marina. “Estamos vendo a coisa piorando, nos sentindo cada vez mais impotentes. A resposta a isso tem que ser uma ação na direção contrária, efetiva e rigorosa”, destacou Haddad.

Também presente na comitiva brasileira, o presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), Aloizio Mercadante anunciou R\$ 1 bi para a criação do programa Arco de Restauração, com R\$ 450 milhões já aprovados do Fundo Amazônia, com a meta de reflorestar 6 milhões de hectares. Na avaliação de Mercadante, o BNDES e o Brasil tiveram, na Cúpula do Clima, o reconhecimento de nosso protagonismo histórico na agenda

Ricardo Stuckert



NOVO TEMPO - Presidente Lula, a ministra Marina Silva e Dilma Rousseff, presidente do Banco do NBD, na sessão de abertura da COP28

ambiental.

TRANSIÇÃO ECOLÓGICA

Depois de ter passado pela Arábia Saudita, Qatar e Emirados Árabes Unidos, o presidente Lula

O BRASIL ESTÁ DISPOSTO A LIDERAR PELO EXEMPLO, COM A META DE ZERAR O DESMATAMENTO NA AMAZÔNIA ATÉ 2030, DIZ LULA

chegou a Berlim no domingo, 4, onde foi recebido com jantar oferecido pelo primeiro-ministro da Alemanha, Olaf Scholz. Na segunda, 3, Brasil e Alemanha assinaram uma declaração conjunta de intenções durante a 2ª Reu-

nião de Consultas Intergovernamentais de Alto Nível. Foram 19 acordos assinados entre os dois países - a maior parte trata de meio ambiente, bioeconomia e desigualdades sociais. Outro ato assinado foi a declaração sobre integridade da informação e combate a desinformação.

Lula também foi recebido pelo presidente alemão, Frank-Walter Steinmeier. Discutiram avanços na economia, investimentos do Novo PAC, proteção ambiental e presidência do Brasil no G20. (pág. 8). De acordo com o Palácio do Planalto, durante o diálogo, o presidente alemão agradeceu, “em nome da Alemanha e do mundo”, a retomada da proteção do meio ambiente e da Amazônia com as políticas adotadas desde janeiro de 2023 pelo governo federal.

Terceira maior economia mundial, atrás dos Estados Unidos e da China, a Alemanha é um importante parceiro do Brasil, sobretudo nos campos tecnológico e industrial. Mais de mil empresas alemãs atuam em território brasileiro e, segundo o Banco Central, o país germânico é a oitava maior fonte de investimentos no Brasil, com US\$ 23,73 bilhões em estoque.●

BRASIL ASSUME A PRESIDÊNCIA DO G20

Lula disse que seu governo vai encampar um movimento internacional de combate à fome, à desigualdade e à crise climática, além de propor uma nova governança global

O Brasil assumiu nesta sexta-feira (01/12), a Presidência temporária do G20, o grupo que reúne as 19 principais economias do mundo, a União Europeia e, a partir deste ano, também a União Africana. O mandato tem duração de um ano e se encerrará em 30 de novembro de 2024. Será a primeira vez que o País ocupa esta posição na história do grupo no formato atual.

Ao longo do mandato, o Brasil organizará mais de 100 reuniões de grupos de trabalho, que serão realizadas tanto virtual quanto presencialmente, e cerca de 20 reuniões ministeriais, culminando com a Cúpula de Chefes de Governo e Estado que será realizada no Rio de Janeiro, entre os dias 18 e 19 de novembro de 2024.

O presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, destacou a relevância deste momento para o Brasil e falou sobre a importância da cúpula para o mundo. "Possivelmente esse será o mais importante evento internacional que nós iremos organizar. A gente vai ter uma reunião histórica no País e espero que possa tratar de assuntos que nós precisamos parar de fugir e tentar resolver. Não é mais humanamente explicável o mundo tão rico, com tanto dinheiro atravessando o Atlântico, e a gente ter tanta gente ainda passando fome", destacou Lula.

O Brasil vai criar duas forças-tarefa no âmbito do G20 para



G20 - Grupo reúne as 19 maiores economias do mundo, além da União Europeia e da União Africana

LULA: "PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO MERECEM MAIS CONDIÇÕES DE IGUALDADE PARA ENFRENTAR CRISES E BUSCAR UM FUTURO MAIS JUSTO"

ampliar o combate à desigualdade ao longo da Presidência brasileira: a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza e a Mobilização Global contra a Mudança do Clima.

O desenvolvimento sustentável, que engloba a transição energética e a implementação da economia verde no país, é uma das prioridades brasileiras por representar o principal instrumento de combate às mudanças climáticas. Para o presidente, é um campo em que o Brasil tem tudo para liderar no cenário mundial.

"O Brasil é o porto seguro para que as pessoas possam vir, fazer investimentos e fazer com que esse país se transforme em um país definitivamente desenvolvido", disse Lula. Países em desenvolvimento merecem mais condições de enfrentar desigualdades e a mudança climática e buscar um futuro mais justo. •



ACORDOS - Com o príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Mohamed bin Salman, Lula discutiu investimentos da ordem de US\$ 10 bilhões

EM VEZ DE JOIAS, LULA TRAZ ACORDOS DE INVESTIMENTO

"Aos nossos ministros e empresários que estão aqui: a gente pode sonhar, em 2030, ter uma balança comercial de um trilhão de dólares. Quem pode dizer que não é verdade? Somos nós, de acordo com a nossa capacidade de trabalho", disse Lula.

UNITED FOR NATURE



Bia Abramo

Em viagem pelo Golfo Pérsico desde a quarta-feira, 29/11, Lula visitou três países árabes antes do início da COP 28, em Dubai. Na Arábia Saudita, o presidente esteve com o príncipe herdeiro e primeiro-ministro Mohamed bin Salman, com quem discutiu investimentos da ordem de US\$ 10 bilhões do Fundo Soberano Saudita no Brasil, contemplando projetos em energia limpa, hidrogênio verde, defesa, ciência, tecnologia, agropecuária e infraestrutura ligada ao Novo PAC. Na pauta, os dois líderes também acertaram o aumento das transações comerciais de US\$ 8 bilhões para US\$ 20 bilhões até 2030.

Ainda na Arábia Saudita, a comitiva brasileira esteve na Mesa Redonda Brasil-Arábia Saudita, reunindo empresários dos dois países, além de participar do Seminário Embraer, onde foram assinados três memorandos de cooperação nas áreas de aviação civil, defesa, segurança e mobilidade aérea urbana. para empresas públicas e privadas.

Em Doha, capital do Catar, Lula compareceu ao Fórum Econômico Brasil - Catar: Oportunidades e Negócios, onde reiterou seu compromisso com a sustentabilidade: "O Brasil vai ser em

breve um exportador de sustentabilidade. Temos imenso potencial nos setores de energia solar, eólica, biocombustíveis e hidrogênio verde".

O BRASIL VAI EXPORTAR SUSTENTABILIDADE. TEMOS IMENSO POTENCIAL COM ENERGIA SOLAR, EÓLICA, BIOCOMBUSTÍVEIS E HIDROGÊNIO VERDE

A Guerra Israel-Gaza também entrou na pauta. Lula conversou com o emir do Catar, Tamim bin Hamad Al-Thani, sobre um refém brasileiro na Faixa de Gaza que pode ser libertado em breve. O

Catar tem atuado como intermediário entre Israel e o Hamas durante o atual conflito na região.

BRASIL NA OPEP+

No sábado, 2/12, Lula confirmou a entrada do Brasil na Opep+, grupo que reúne dez países produtores de petróleo sem direito a voto. O convite havia sido feito durante a visita de Lula à Arábia Saudita na semana passada, país que é membro regular da Opep (que tem poder de influenciar o preço dos barris de petróleo, ao lado de Irã, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita, Venezuela, Argélia, Angola, Congo, Emirados Árabes Unidos, Gabão, Guiné Equatorial, Líbia e Nigéria.

Em Dubai para a COP28, o presidente disse achar importante que o Brasil participe da Opep+: "Eu acho importante a gente participar porque precisamos convencer os países produtores de petróleo que eles precisam se preparar para o fim dos combustíveis fósseis."

A agenda de Lula em Dubai contou, ainda, com encontros bilaterais com o presidente de Cuba, Miguel Díaz-Canel, o presidente francês Emmanuel Macron, o presidente da Comissão da União Africana, Moussa Faki, e o primeiro-ministro da República Democrática da Etiópia, Abiy Ahmed Ali. •



A FLORESTA FALANDO COM A VOZ DE MARINA SILVA

Em evento que tinha por tema as florestas, Lula fez fala emocionada sobre a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, a quem cedeu a palavra. Na abertura do painel "Florestas: Protegendo a Natureza para o Clima, Vidas e Subsistência", Lula afirmou que a floresta "vem falar por si": "Foram 28 edições da COP para que a floresta viesse falar por si só. Eu não poderia utilizar a palavra se eu tenho no meu governo uma pessoa da floresta. A Marina nasceu na floresta, se alfabetizou aos 16 anos. E eu acho que é justo que, para falar da floresta, em vez de falar um presidente que não é do estado da floresta, a gente ouvi-la".

“A LITERATURA PODE IMAGINAR UM FUTURO PARA O BRASIL”

Para a escritora, roteirista e jornalista Eliana Alves Cruz, que hoje apresenta o "Trilha das Letras", da TV Brasil, o reconhecimento de autoras e autores negros não é passageiro, veio para ficar - e pode ser a chave para que o país recontar sua história de exclusão.

Bia Abramo

O fôlego da escritora Eliana Alves Cruz parece não acabar. No momento em que recebeu a reportagem da revista Focus, ela estava às vésperas de embarcar para a Flip, em Paraty. Neste ano, que homenageou a escritora modernista Pagu, a festa literária calhou de ser em novembro, mês da Consciência Negra e em que se anunciam vários prêmios literários, como o Jabuti. No mesmo mês, Eliana voltou às suas atividades jornalísticas e estreou como apresentadora do programa Trilha de Letras, na EBC. E, ainda, relatou estar com três livros em preparação, além de um novo roteiro.

A estreia como romancista foi com o livro Água de Barrela (Ed. Malê), em 2015. Na obra, a es-

critora pesquisa e recria na literatura o passado da própria família em três séculos. De lá para cá, foram mais três romances. “O Crime do Cais do Valongo”, “Nada digo de ti, que em ti não veja” e “Solitária”, um volume de contos (Ed. Malê) e “A Vestida” (Ed. Cia. das Letras), pelo qual ganhou um prêmio Jabuti na categoria contos.

Em novembro, mais duas estreias para a conta da escritora e jornalista: é uma das roteiristas de “Anderson Spider Silva”, uma minissérie biográfica que conta a história do lutador que dá nome à produção, na Paramount+ e a apresentação da nova temporada do programa “Trilha das Letras”, da TV Brasil. Como jornalista, Eliana trabalhou na cobertura de esportes e na assessoria de imprensa da Confederação Bra-

sileira de Desportos Aquáticos por 26 anos.

“A literatura é um pouco a prima pobre ainda desse rolezinho da cultura (...). Mas vejo também que a gente está num primeiro ano de hoje, de retomada de um montão de coisas. Eu acho que isso exige um pouquinho de paciência, mas a gente quer uma nação que realmente priorize a educação, a literatura”, diz a escritora, fazendo um balanço sobre esse ano de 2023 depois de seis anos de retrocesso na cultura. Leia a seguir os principais trechos da entrevista.

Focus - Colocando em perspectiva a sua trajetória, você saiu do jornalismo para virar escritora de ficção, ganhou prêmio, estava escrevendo e publicando um livro atrás do outro e, agora, você



volta um pouco para uma atividade que também é de jornalista ao assumir a apresentação do Trilha de Letras, programa da estatal TV Brasil. Como tem sido essa experiência?

Eliana Alves Cruz - Eu acho que tudo é texto. A atividade jornalística é muito fascinante, porque ela lida com o dia-a-dia das pessoas. O jornalista tem um poder de contar a história presente, do aqui e agora. Os historiadores se debruçam sobre o que os jornalistas produzem. Se você for pesquisar algo na hemeroteca da Biblioteca Nacional, tem lá um vasto material de jornais dos séculos passados. Um dia aqui foi presente, hoje é a história. Eu acho que é tudo um pouco carne do mesmo bicho, em pedaços diferentes. Obviamente, a literatura tem uma liberdade que o jornalismo não permite, que é o de fabular, criar personagens, inventar alguns mundos, extrapolar um pouco aquelas linhas do factual. É um desafio muito grande pra gente que se

O JORNALISTA TEM O PODER DE CONTAR A HISTÓRIA PRESENTE. HISTORIADORES SE DEBRUÇAM SOBRE O QUE JORNALISTAS PRODUZEM

acostumou a olhar o fato tão duro, conseguir olhar além dessas fronteiras. Ir para a ficção foi um exercício muito, muito libertador. Eu acho que eu sempre quis, na verdade, ser escritora. Se a gente vivesse em um outro

país, em que houvesse oportunidades para pessoas como eu desde o início, talvez eu tivesse participado de uma formação desse tipo. Acabou que escolhi o jornalismo, pela lida com as palavras, pela lida com a contação de histórias. No jornalismo também se contam histórias, só que reais. Tudo o que eu leio da grande imprensa não deixa de ser uma grande contação de história, porque atrás de cada texto daquele tem um ser humano com o seu olhar para cada texto. Agora, também por conta da minha atividade jornalística, fico com um olhar aguçado a outras coisas. Então, eu consigo olhar e perceber, por exemplo, que quem escreveu determinado texto aqui nunca subiu numa favela. Quem escreveu esse texto aqui nunca sofreu racismo. Quem escreveu esse texto aqui é um homem, nunca sofreu um assédio. Ao fim e ao cabo, todo mundo conta a sua própria história, mesmo que esteja falando de outra pessoa, de outra situação, longe de você.

Agora, sobre essa volta para o jornalismo. Na verdade, eu nunca tirei meu pezinho de lá. Eu sempre tive coluna: hoje no portal do ICL Notícias, antes escrevia para o UOL. Sempre tenho uma âncora na realidade para não voar muito. Apresentar um programa na televisão é um grande desafio, porque você dá o rosto, dá voz... Perguntar, questionar, tudo isso também tem sido um desafio muito interessante, muito bonito. Até porque eu acho que são as pazes que a gente faz com a gente mesmo, com a profissão, com a própria imagem.

- O programa, até agora, tem se concentrado no trabalho de autores consagrados da literatura escrita por pessoas negras, como Itamar Vieira, Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo... é esse o plano ou foi por acaso?

- Não, não é um plano. Estreamos em 2 de novembro e novembro é o mês da Consciência Negra. Acabou que não foi nem de propósito a estreia no 2 de novembro, mas veio bem a calhar. Já que eu sou uma apresentadora negra, no mês da Consciência Negra, nada mais natural que a gente ter um bloco de programas com autores consagrados, que, por acaso, são pessoas negras. A Conceição, o Itamar, a Ana Maria são best-seller inquestionáveis. A Conceição é autora pop, muito requisitada, reconhecida nacional e internacionalmente. Começamos com esses três nomes por todos esses motivos e a gente deve fechar esse bloco de quatro com Stefano Volp, um jovem autor que também já é um best-seller, muito lido pelo público de jovens adultos, o que é um fenômeno bastante interessante. São pessoas emblemáticas dentro dos seus segmentos, das suas escritas. É um programa de literatura, então pretendemos chamar autores os mais diversos, au-

tores e autoras brancos, pessoas indígenas, gente que escreve literatura infantil, juvenil, não-ficção. Pessoas do mundo do livro também, editores, livreiros, leitores. Nesse momento de reinício desse programa, nós optamos por escritores porque ele está há seis anos fora do ar. Ele foi um dos primeiros dos programas ligados pelos governos passados [governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro]. Não por acaso. Literatura, livro, são coisas que fazem pensar, que incomodam muito. Por isso acho que precisa de

**A LITERATURA
AINDA É A
PRIMA POBRE
DA CULTURA.
VEJO EDITAIS NO
AUDIOVISUAL,
MUITAS COISAS.
JÁ PARA A
LITERATURA, AINDA
TIMIDAMENTE**

uma retomada grande, pra gente se alicerçar no livro. O programa é sobre literatura, então, nesse primeiro momento os temas serão escritores e, mais no futuro, livros. Espero que logo a gente amplie esse leque, para trazer todo o mundo do livro para o programa.

- Sempre lembramos dos quatro anos de retrocesso e você falou

em seis, porque tudo isso começou...

- A gente esquece esse período de dois aninhos ali que foram a antessala do inferno que a gente viveu depois.

- Agora a gente tem o Ministério da Cultura de volta. Como você está vendo as mudanças para o mercado editorial e a literatura brasileira?

- Eu vejo uma mudança obviamente radical. A gente já tem editais. Agora saiu o resultado do Prêmio Carolina Maria de Jesus, que foi um concurso de literatura do Ministério da Cultura para novos nomes de mulheres negras que escrevem. Eu sou fruto de uma política pública de cultura. Acho que o meu foi um dos últimos concursos do governo Dilma, em 2015. Como escritora, sou fruto de uma política pública de cultura. É uma política de cotas, não deixa de ser, pois foi por intermédio da Fundação Cultural Palmares que, vendo uma lacuna, uma ausência de escritoras que produzissem romances, promoveu o Prêmio Oliveira Silveira - e ganhei esse concurso. Eu vejo agora um Estado interessado, aliado da cultura. Você tem um governo que se interessa por cultura, que entende que isso, para além de ser a nossa marca como nação, é o que nos é devido. E tem de ser tratado como uma indústria, com o mínimo de condições para produzir e circular. É um segmento que emprega muita gente, que oportuniza muitas coisas e pessoas novas para as nossas artes e nossos fazeres culturais. Agora, tem muita coisa ainda a fazer. Eu acho que a literatura é um pouco a prima pobre ainda desse desse rolezinho da cultura, porque eu vejo editais no audiovisual, montam um monte de coisas, aí em outras áreas de literatura, ainda um pouco timidamente. Mas a gente

está num primeiro ano de retomada. Isso exige um pouquinho de paciência. A gente quer uma nação que realmente priorize a educação, a literatura. Elas vão precisar caminhar juntas ali. Sabe por quê? Porque os livros são a primeira porta para esse mundo das letras, esse mundo da imaginação, do aprendizado. Não há muito como a gente fugir disso. A gente vê as grandes nações leitoras, o que elas produzem e como esse mercado é aquecido, como isso favorece essas sociedades. Eu tenho esperanças de que num futuro próximo tenhamos outras iniciativas.

- Na sua opinião, quais políticas públicas consistentes poderiam virar políticas de Estado na área de literatura, da leitura, do acesso ao livro?

- Eu acho que os escritores vão sobreviver na medida em que existirem mais leitores num país continental como o Brasil. Éramos para ser uma potência, tanto no surgimento de grandes nomes para a literatura do mundo, como numa na produção e distribuição de livros. Isso era pra ser um mercado. E por que não é? Por que a gente tem taxas para o livro? É caro. A gente tem uma política que olha o livro como algo elitizado e uma população que se afasta da leitura. Isso também tem algo a ver com um gap educacional muito grande. Muitas pessoas passam na porta da livraria, mas não ousam entrar porque acham que aquele não é o mundo para elas, ou numa biblioteca, e se intimidam. É papel do Estado democratizar esse acesso, fazendo mais programas dentro das bibliotecas, levando escolas para dentro delas, para que as pessoas entendam que esse não é um ambiente intimidador, pelo contrário, é um ambiente acolhedor. E aí vem uma coisa que você me perguntou

no início sobre o fato de termos escritores negros abrindo o program: as pessoas precisam se ver nas histórias que são contadas. Eu fui uma criança que eu não me via nas histórias que eu lia na escola. Nunca li um autor negro na escola, imagina ver um pessoalmente. Eu nem achava que existia. Eu fui entender que isso que existiam autores negros olhando a gringa, olhando lá nos Estados Unidos. Na minha época - eu sou uma criança dos anos 70, 80 - não existiam publicações voltadas para o público

**EU NÃO ME VIA
NAS HISTÓRIAS
QUE EU LIA NA
ESCOLA. NUNCA LI
UM AUTOR NEGRO
NA ESCOLA EU
NEM ACHAVA QUE
EXISTIA**

negro. Até que meu pai resolveu assinar uma revista americana, a revista Ebony, não me esqueço. Lá tinha uma sessão de literatura e ali que eu descobri os autores negros. Eu ficava: 'olha esses autores, olha isso aqui'. É muito importante que as pessoas se vejam. É óbvio que o lugar do estranhamento é importante. É evidentemente importante a gente ler literatura russa, os caras escreviam demais. Quem não gosta de contista russo, não sabe

o que é que ler. É muito maravilhoso aquilo, outras realidades, outros mundos. Mas a gente também precisa estar incluído no mundo. A gente precisa ler e ver que a gente está ali. Isso, isso eu acho que é um pulo do gato para trazer o público para a literatura, para democratizar, facilitar o aprendizado, facilitar a descoberta de outras realidades que tocam a nossa. Tem coisas sofisticadíssimas hoje, como a etnomatemática. Essa matemática é uma forma de ensino de matemática para pessoas que são descendentes de africanos. Na África existe uma técnica chamada sona [uma forma de escrita], que são desenhos. Essa técnica facilita o aprendizado das crianças em matemática, que é um problema na educação brasileira. Ou seja, olha que mundo maravilhoso a gente tem para descobrir, mas que a gente fica limitado porque não há um investimento, nem um interesse, nenhum debate sobre isso. Acho que seria papel do Estado promover isso, porque não há o interesse comercial.

- Há uma redescoberta - e, em alguns casos, descoberta - de uma literatura negra brasileira, que vai desde entender que Machado de Assis não era branco até as homenagens à Maria Carolina de Jesus, que voltou a ser lida, inclusive nas escolas. Você acha que esse é um movimento consistente do mercado ou é uma espécie de modismo? Se for modismo, o que fazer para que essa literatura não volte a submergir?

- Modismo não é. A gente tem que entender que a nossa primeira escritora foi uma mulher negra, a Maria Firmina dos Reis. O nosso primeiro escritor foi um homem negro, Teixeira de Sousa, O nosso primeiro editor foi um homem negro, Paula Souza. O fundador da Academia Brasileira de Letras e primeiro pre-



sidente era um homem negro, Machado de Assis. Veja que não dá para chamar de modismo. O que a gente tem é um apagamento muito sério. Nós temos uma publicação chamada Cadernos Negros, que há 45 anos é editada, ininterruptamente, uma coletânea com, no mínimo, 15 autores. Onde estão essas pessoas todas? Faz as contas de quantos autores negros tem nesse período. Tem o Literafro, site da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), organizado pelo professor Eduardo de Assis, também fundador. Ali tem quase todos os autores negros. É muita gente. Onde estão essas pessoas todas nas prateleiras das livrarias? Não é um modismo - é, na verdade, um movimento muito consistente e perene. As grandes editoras comerciais estarem descobrindo esse movimento agora não é à toa. É porque existe um mercado. Não foram elas que criaram esse mercado, foram essas pessoas que criaram esse público leitor que está oxigenando a literatura nacional. O que dá essa sensação de que é um

modismo é justamente porque os grandes prêmios, as grandes

A CONCEIÇÃO EVARISTO PUBLICA DESDE OS 46 ANOS E SÓ FOI RECONHECIDA AOS 70. A GENTE TEM UM NOME MUITO ESPECÍFICO PARA ISSO: RACISMO

vitruines, a mídia hegemônica não dava rosto, não dava voz para essas pessoas. Mas elas sempre estiveram aí. A Conceição Evaristo publica desde os 46 anos.

Ela publicou o primeiro livro dela só aos 46, a idade que eu tenho hoje, e pagando do próprio bolso. Antes, ela já publicava nos Cadernos Negros. Ela já estava aí desde os 46 anos e só foi reconhecida aos 70. Ao que creditamos essa exclusão? A gente tem um nome muito específico para isso, que se chama racismo. Racismo estrutural, institucional etc. É isso. E isso é bem óbvio. Caso as editoras resolvam não mais publicar esses autores, eles vão continuar escrevendo e vão continuar publicando. Inclusive por que suas próprias editoras já estão também sendo fortalecidas. Eu sou muito à vontade para falar sobre isso, porque eu sou fruto de uma política pública de cultura. Publiquei meu primeiro livro, O Água de Barrela, por um concurso público da Fundação Palmares. Depois publiquei O Crime do Cais de Valongo pela editora Malê, que era uma editora que tinha um ano de vida, uma editora fundada por um bibliotecário negro, o Vagner Ramalho. O livro com que ganhei o Jabuti é da Malê, "A Vestida". O Solitária

saiu pela Companhia das Letras, num outro momento da minha carreira. Tenho uma carreira começada, incentivada por um movimento negro que queria se ver, queria ser retratado e queria ler a sua história. Tem uma demanda reprimida: essas pessoas querem ler suas histórias. Tem muita coisa ainda a ser dita, não é? Eu acho que o movimento é sem volta, porque a Malê, por exemplo, hoje já está com quase oito anos e já tem mais de 150 autores publicados. É livro que não acaba mais. Já tem um Jabuti, uma outra estrutura. Conseguiram entender como funciona o mercado. A rebote, outras editoras também começam a crescer e a isso nós chamamos de democratização da cultura. As grandes editoras estão olhando esse movimento todo. É óbvio que, de uma quantidade enorme de pessoas que ousam escrever, nós vamos tirar os seus expoentes. Da quantidade, a gente vai afinando para a qualidade. Tem aqueles autores que vão se destacar mais que os outros e isso é natural em qualquer mercado. Mas essa apropriação da palavra, esse é um movimento belíssimo. É belíssimo que as pessoas entendam que elas também podem, que elas têm esse direito e é algo que não tem volta porque nunca, nunca deixou de ser.

- Belíssimo e necessário. O que eu li de autores negros brasileiros nos últimos anos é incomparável com os meus primeiros 30 anos como leitora... Usei a palavra modismo e talvez tenha usado errado, mas estava querendo me referir não apenas à produção, mas de uma certa atenção midiática. Eu acho que o que aconteceu com a literatura, me corrija se estiver incorreta, foi um fenômeno que na música pop se chama de crossover, ou seja, o público em geral, não

negro, começou a ler literatura negra a partir de alguns alguns grandes sucessos, como Ana Maria Gonçalves, o Itamar Vieira etc. Você acha que foi isso que aconteceu?

- Eu acho que são estágios: primeiro, você tem uma curiosidade. Eu acho que muitas pessoas são fisgadas pela curiosidade de saber exatamente o que tem ali e depois elas se interessam verdadeiramente, porque elas entendem que a história também é delas. Quando você lê um livro como Solitária, que tem uma família branca, de classe média alta, que tem dois empregos, tem uma empregada doméstica que tem uma filha e que leva essa filha pro trabalho... Em algum lugar desse grupo de personagens, o leitor, a leitora está: ou você é a empregada ou você foi a filha da empregada, ou você foi o patrão, ou você foi a patroa etc. Você esteve numa dessas posições. Então, quando as pessoas lêem, elas entendem que é uma história delas também e começam a se questionar. É verdadeiramente isso que eu acho mais interessante e mais enriquecedor nesse processo. Esse livro pegou muito a garotada. Ele é muito lido por uma garotada de 17, 18 anos... Já fui a muitas escolas, escolas ricas e majoritariamente brancas. Fui uma escola que só tinha um menino negro em 100 alunos, uma escola que é de classe alta aqui no Rio de Janeiro, e foi incrível a interação. Uma menina me perguntou assim: "Tá, mas como é que a gente muda essa realidade? Qual é o nosso papel?" Eu falei: "Olha, se tem alguém que pode mudar essa realidade é você. Porque nesse exato momento, está sendo formada a elite que, num futuro muito próximo, daqui a dez anos, vai estar nos postos de mando das grandes empresas. Se existe um lugar onde essa realidade pode

ser transformada, é aqui, agora, nessa plateia." Eles se olharam um pouco intrigados: "Eu quero que vocês pensem, quando vocês voltarem para casa, naquela pessoa que fez a comida para vocês, como vocês a tratam? Como vocês tratam o porteiro? Como vocês tratam o empregado? Todos esses questionamentos é que vão fazer a mudança. Ou não." Foi um diálogo incrível. Eu vejo que tem uma geração realmente muito interessada e que já está num outro momento do debate, mais aprofundado e menos raso das coisas, o que também é fruto desse tensionamento que tem sido feito pela literatura, pela cultura de um modo geral. E é isso que eu acho que é óbvio. A gente sempre vai ter uma reação, sempre vai ter quem acha que está sendo condescendente com o que a gente escreve... Mas isso aí do jogo em um país racista como o Brasil, mas a gente prospecta outras coisas nas quais a gente bota nosso foco, na construção dessa ponte que você mencionou e o sistema literário também compreende isso.

- Até onde você consegue enxergar, a academia também está atenta? Está, de fato, estudando mais autores negros?

- Sim, nós temos já uma ou duas gerações formadas pelas cotas e que já estão retornando pra academia como acadêmicos, como professores, como orientadores de teses e de livros de pesquisas. A gente já tem uma geração que tem um outro olhar sobre essa produção. Mas a academia ainda é um lugar muito tenso, ainda é um lugar muito violento, de disputa de narrativa - essa palavra que popularizou de um jeito meio torto. Existe uma disputa e é algo bem violento mesmo, no nível em que as pessoas até somatizam. A gente não pode fechar o olho para isso não. É seríssimo o

que acontece nessas bancas de mestrado e doutorado etc. Mesmo dentro das salas de aula, tem uma série de violências subjetivas e sutis, mas não menos mortais e não menos arrasadoras. A gente tem um índice de suicídio grande entre estudantes negros. Esse é um tabu do qual poucas pessoas falam. Por que isso? Por que que ambiente é esse que oprime e esse ponto da pessoa perder a esperança pela própria vida? Que mutilação é essa que acontece ali dentro? Eu acho que a gente precisa olhar isso com muito cuidado. Isso tem a ver com tudo isso que a gente conversou aqui até agora. E a academia ainda é um lugar tenso, embora tenha mudado muito, sei lá quantos por cento, mas bastante gente caminhou. Nossa, mas ainda faltam léguas pela frente.

- Em 2022, derrotamos o fascismo pela via eleitoral, restabelecemos a democracia, enfim, respira-se melhor. Qual o papel da literatura nesse, digamos, renascimento? Como a literatura pode ajudar o Brasil?

- Eu acho que a literatura, justamente por essa liberdade que ela tem de fabular, de imaginar, ela pode imaginar um futuro para o Brasil. Ela pode imaginar que identidade brasileira é essa. Ela pode imaginar cenários, cidades, formas de governo, de organização política e organização social com base em outras inspirações do que as tradicionais. Eu acho que a gente tem essa, digamos, porta para o sonho, mas eu acho que a gente tem uma porta para algumas coisas muito concretas, que falam do nosso DNA, da nossa pluralidade, de outras ancestralidades. A gente tem a chance de que o Brasil consiga olhar o tanto de outros países que existem aqui dentro. Temos uma ilusão de unidade por conta da nossa aparente unidade lin-

guística: todo mundo fala português, todo mundo a gente acha que o Brasil é uma coisa só e não é. A gente tem uma realidade no Norte que é completamente diferente do Nordeste, Sudeste, Sul. A gente tem idiomas diferentes. Sim. Há uma palavra que significa uma coisa no Rio de Janeiro e completamente outra no Pará e por aí vai. Com a literatura, a gente tem a chance de olhar a nossa formação de uma forma muito bonita e ver como é único o Brasil, como ele é realmente um lugar muito especial no mundo, onde muitas coisas convergiram. A gente agora tem um ambiente infinitamente mais salubre. A gente estava num ambiente insalubre e estávamos conseguindo respirar. A gente tava assim em meio a um lixo, um lixo emocional que se transbordava nas redes sociais, no nosso dia-a-dia, uma agressão quase que gratuita. Eu sofri algumas agressões nesse período aí, como dizem os jovens, do nada! Mas não é do nada. Na verdade, são incômodos que sempre estiveram e que as pessoas se sentiram autorizadas para colocar para fora, foram legitimadas e disseram: "Olha, eu estou aqui agora, vocês podem fazer o que vocês quiserem, vocês podem dizer o que vocês quiserem." Usaram truques muito, muito baratos. Disfarçaram de liberdade de expressão o puro ódio e desejo de aniquilamento do diferente, do outro e da outra. Acho que o Brasil tem uma possibilidade agora imensa, mas a gente precisa se cuidar, porque nada, nada foi eliminado definitivamente. Sabemos que tudo o que a gente passou foi uma sequência de anos e anos de repressão: ditadura militar, escravidão, colonização... São coisas que a gente vai empurrando e aí, numa hora aquilo tudo transborda. É hora de olhar a vida brasileira com mais realidade e sanar os

problemas de uma forma mais adulta. Por exemplo, a questão da representatividade. As pessoas dizem assim, cheias de desconfiança: identitarismo, botam esse rótulo. Ora, me defina identitarismo. Sabe, eu estive no Congresso Nacional, fui lá num programa da TV Câmara. Eu nunca tinha ido. Nunca tinha entrado na Câmara dos Deputados. Tem uma parede com as fotografias dos presidentes da Câmara e do Senado de décadas e décadas... Só homens brancos, alguns são aquele branco brasileiro com aquela passabilidade que, na hora que interessa é branco, na hora que interessa é preto. Nenhuma mulher como eu, da minha cor ali, inequivocamente negra, nenhum homem inequivocamente negro. Isso é muito estarecedor. E é estarecedor que as pessoas digam que a minha luta é identitária. Não, é a dessas pessoas que é identitária e bem-sucedida, porque elas estão há séculos no poder. Se isso não é uma militância muito bem feita... Você tem um grupo que se perpetua por 500 anos no poder. Quer um grupo mais identitário que esse? Do homem branco? São distorções que as pessoas foram engolindo. Pauta identitária é dessa galera que quer ficar eternamente no poder, não quer dividir privilégio nenhum. A democracia, ela tem suas dores para alguns grupos, porque você vai precisar abrir um espaço para o coleguinha, não tem jeito. É feita de erros e acertos. A literatura é boa porque a gente pode inventar bastante, a gente pode fabular muitas coisas, mas pode espelhar outras e colocar assim: se é inspirado em fatos reais, é mera coincidência. A gente vai dizer que é mera coincidência.

- E está dando tempo para escrever?

- Não, não está... Quer dizer, eu



estou escrevendo audiovisual. Saiu agora a série sobre o Anderson Silva (Anderson Spider Silva, Paramount+). Eu era uma das dez roteiristas. É a série de um lutador. Só que a gente não contou a história do lutador sem contar a história da família dele. Então, é uma história que está surpreendendo muitas pessoas, porque você acha que vai vir aquela sangueira, muita cena de luta e não é sobre isso. E as pessoas entram para ver e sentem que tem um negócio diferente ali: quem foi que escreveu isso? A sala é toda negra, porque a gente queria uma família que não fosse disfuncional, como a família do Anderson Silva não é disfuncional. É uma família como outra qualquer, com todos os seus problemas e todas as suas coisas incríveis e coisas ruins e que deu num ídolo do esporte. É um pouco isso, é a gente desviar o olhar. É o que eu estou fazendo, estou escrevendo audiovisual. Tem

uma outra série também que vai sair, que sou uma das criadoras. E eu ainda estou escrevendo três livros de ficção. Um tem um diálogo mais próximo da Solitária, o outro tem essa pegada histórica, são histórias que caminham em paralelo ao Água de Barrela e vai formar uma trilogia. No ano que vem eu devo publicar um outro romance e em 2026 devem sair esses dois juntos para completar a caixa do Água de Barrela, com os dez anos do lançamento. É só tudo isso. Invento muita moda, porque as ideias vão aparecendo e eu vou dando um jeito.

- Você é inquieta na criação?

- Eu tenho muita pressa, mas é uma coisa que eu acho que o jornalismo me deu. Eu trabalhei anos com esporte, eu também fui uma criança que praticou esporte, escrevi em revista de esporte... Uma coisa que o esporte me deu foi uma perfeita noção de timing. O cara treina quatro

anos da vida dele para uma prova de 50 metros livres, que são 20 segundos. Em 20 segundos, ele decide quatro anos da vida dele. Ele pode ser ouro, prata, bronze ou nada. Se ele escorregar, ele perdeu quatro anos. Trabalhar com esporte me deu esse sentido de tempo, isso de agora eu "preciso fazer", me deu o treinamento para isso. Enquanto o cara está nadando lá, eu estou escrevendo aqui e aí tem uma entrevista acontecendo acolá... Isso me treinou para ser rápida no pensamento e na transmissão da escrita. Nas piores circunstâncias, eu consigo escrever. Mesmo que não saia perfeito, eu escrevo. Aí depois releio e vou debugando, revendo aquilo. Eu até brinquei sobre isso numa rede social: se eu fosse ter um superpoder seria esse de conseguir escrever muita coisa ao mesmo tempo.. Tudo o que a gente faz na vida a gente usa, quase nada a gente joga fora. •



United Nations
Climate Change



COP28UAE



LULA DISCURSA NA SESSÃO DE ABERTURA DA COP 28

"É hora de enfrentar o debate sobre o ritmo lento da descarbonização do planeta e trabalhar por uma economia menos dependente de combustíveis fósseis", diz presidente

O presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, discursou na solenidade de abertura da COP 28, realizada a partir desta sexta-feira (1/12), em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. **A seguir, leia a íntegra de seu discurso:**

Uma mulher africana, a queniana Wangari Maathai, vencedora do prêmio Nobel da Paz, sintetizou bem o dilema da humanidade em sua relação com a natureza.

Disse ela: "A geração que destrói o meio ambiente não é a geração que paga o preço".

O Painel Intergovernamental

sobre Mudanças Climáticas alertou que temos somente até o final desta década para evitar que a temperatura global ultrapasse um grau e meio acima dos níveis pré-industriais.

2023 já é o ano mais quente dos últimos 125 mil anos.

A humanidade sofre com secas, enchentes e ondas de calor cada vez mais extremas e frequentes.

No Norte do Brasil, a Amazônia amarga uma das mais trágicas secas de sua história. No Sul, tempestades e ciclones deixam um rastro inédito de destruição e morte.

A ciência e a realidade nos mostram que desta vez a conta chegou antes.

O planeta já não espera para cobrar da próxima geração.

O planeta está farto de acordos climáticos não cumpridos.

De metas de redução de emissão de carbono negligenciadas.

Do auxílio financeiro aos países pobres que não chega.

De discursos eloquentes e vazios.

Precisamos de atitudes concretas.

Quantos líderes mundiais estão de fato comprometidos em salvar o planeta?

Somente no ano passado, o mundo gastou mais de US\$ 2 trilhões e 224 milhões de dólares em armas. Quantia que poderia ser investida no combate à fome e no enfrentamento da mudança

climática.

Quantas toneladas de carbono são emitidas pelos mísseis que cruzam o céu e desabam sobre civis inocentes, sobretudo crianças e mulheres famintas?

A conta da mudança climática não é a mesma para todos. E chegou primeiro para as populações mais pobres.

O 1% mais rico do planeta emite o mesmo volume de carbono que 66% da população mundial.

Trabalhadores do campo, que têm suas lavouras de subsistência devastadas pela seca, e já não podem alimentar suas famílias.

Moradores das periferias das grandes cidades, que perdem o pouco que têm quando a enchente arrasta tudo: casas, móveis, animais de estimação e seus próprios filhos.

A injustiça que penaliza as gerações mais jovens é apenas uma das faces das desigualdades que nos afligem.

O mundo naturalizou disparidades inaceitáveis de renda, gênero e raça.

Não é possível enfrentar a mudança do clima sem combater as desigualdades.

Quem passa fome tem sua existência aprisionada na dor do presente. E torna-se incapaz de pensar no amanhã.

Reduzir vulnerabilidades socioeconômicas significa construir resiliência frente a eventos extremos.

Significa também ter condições de redirecionar esforços para a luta contra o aquecimento global.

Em 2009, quando participei da COP15, em Copenhague, a arquitetura da Convenção do Clima estava à beira do colapso.

As negociações fracassaram e foi preciso um grande esforço para recuperar a confiança e chegar ao Acordo de Paris, em 2015.

Ao retornar à presidência do

Ricardo Stuckert



Brasil, constato que estamos, hoje, em situação semelhante.

O não cumprimento dos compromissos assumidos corrói a credibilidade do regime.

É preciso resgatar a crença no multilateralismo.

É inexplicável que a ONU, apesar de seus esforços, se mostre incapaz de manter a paz, simplesmente porque alguns dos seus membros lucram com a guerra.

É lamentável que acordos como o Protocolo de Kyoto (1997) ou os Acordos de Paris (2015) não sejam implementados.

Governantes não podem se eximir de suas responsabilidades.

Nenhum país resolverá seus problemas sozinho. Estamos todos obrigados a atuar juntos além de nossas fronteiras.

O Brasil está disposto a liderar pelo exemplo.

Ajustamos nossas metas climáticas, que são hoje mais ambiciosas do que as de muitos países desenvolvidos.

Reduzimos drasticamente o desmatamento na Amazônia e vamos zerá-lo até 2030.

Formulamos um plano de transformação ecológica, para promover a industrialização ver-

de, a agricultura de baixo carbono e a bioeconomia.

Forjamos uma visão comum com os países amazônicos e criamos pontes com outros países detentores de florestas tropicais.

O mundo já está convencido do potencial das energias renováveis.

É hora de enfrentar o debate sobre o ritmo lento da descarbonização do planeta e trabalhar por uma economia menos dependente de combustíveis fósseis.

Temos de fazê-lo de forma urgente e justa.

Vamos trabalhar de forma construtiva, com todos os países, para pavimentar o caminho entre esta COP 28 e a COP30, que sediaremos no coração da Amazônia.

Não existem dois planetas Terra. Somos uma única espécie, chamada Humanidade.

Todos almejamos tornar o mundo capaz de acolher com dignidade a totalidade de seus habitantes – e não apenas uma minoria privilegiada.

Como nos convida o Papa Francisco na Encíclica “Todos Irmãos”, precisamos conviver na fraternidade.

Muito obrigado.

Luiz Inácio Lula da Silva



GOVERNO MOBILIZA MINISTÉRIOS PARA ACOMPANHAR MINA SOB RISCO DE COLAPSO EM MACEIÓ

Ministros do Desenvolvimento e Assistência Social, Wellington Dias, e dos Transportes, Renan Filho, estão na capital alagoana para acompanhar mina de sal-gema da petroquímica Braskem

Com uma equipe de técnicos de três ministérios, os ministros do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, Wellington Dias, e dos Transportes, Renan Filho, foram nesta quinta-feira, 30, para Maceió, para acompanhar de perto o risco de colapso de uma mina de sal-gema da petroquímica Braskem e definir medidas emergenciais de médio e longo prazos.

“O cenário é grave, estamos falando de abalos sísmicos, bairros afundando, consequências de um possível crime socioambiental”, postou o ministro Wellington Dias na rede X (o antigo Twitter), ao detalhar que o governo federal está em Maceió com representantes dos ministérios dos Transportes, Desenvolvimento Regional, Minas e Energia, além da Defesa Civil Nacional e do Serviço Geológico do Brasil. “Estamos atentos e de prontidão

para as ações que forem necessárias e ajudar no que for preciso”, disse o presidente em exercício Geraldo Alckmin à Agência Brasil, que informou também que a prefeitura de Maceió decretou situação de emergência por 180 dias devido ao risco de afundamento do solo em vários bairros.

“A área já está desocupada e a circulação de embarcações da população está restrita na região da Lagoa Mundaú, no bairro do

Mutange, na capital. A Defesa Civil da cidade informou que os últimos tremores se intensificaram e houve um agravamento do quadro na região já desocupada”, publicou a Agência.

Em postagem na rede X, o Serviço Geológico do Brasil informou que foi acionado pela Defesa Civil Nacional. “Estamos comprometidos com a segurança e bem estar de todos e em colaborar integralmente com os órgãos competentes”, disse o diretor-presidente Inácio Melo.

O alerta foi dado quarta-feira, 29, pela Defesa Civil de Maceió que detectou que os tremores se intensificaram e houve um agravamento do quadro na região já desocupada.

CNJ VAI ACOMPANHAR SITUAÇÃO

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) vai acompanhar a situação emergencial decretada em Maceió pelo afundamento de uma mina de exploração de sal-gema da Braskem.

De acordo com o CNJ, o agravamento da situação será analisado pelo Observatório de Causas de Grande Repercussão, órgão que tem a função de monitorar processos sobre desastres e demais questões com grande repercussão.

A questão do afundamento provocado pela mina é acompanhada pelo observatório desde 2019. Estão em tramitação na Justiça pelo menos três ações civis públicas que tratam dos danos ambientais provocados pela empresa e para anular o acordo feito pela prefeitura de Maceió para indenização pelos prejuízos causados com o afundamento.

A Defesa Civil de Maceió informou que a última medição apontou que a movimentação vertical acumulada na área é de 1,42 metro e a velocidade vertical é de 2,6 centímetros por hora.

Reprodução



DESABRIDADOS - A orientação da Defesa Civil ainda é que a população não transite na área desocupada na capital

A EXPLORAÇÃO DE SAL-GEMA OCORRE HÁ 40 ANOS EM MACEIÓ. MAIS DE 60 MIL PESSOAS TIVERAM QUE SER REMOVIDAS

Em nota, a Braskem disse que continua mobilizada e monitorando a situação da mina 18, tomando as medidas cabíveis para minimização do impacto de possíveis ocorrências e que a área está isolada desde terça-feira (28). A empresa ressalta que a região está desabitada desde 2020.

Em nota, a prefeitura de Maceió diz que disponibilizou abrigos para acolher a população de forma emergencial, diante do risco iminente de colapso da mina nº18 da Braskem. Também foi solicitado apoio ao governo federal para garantir moradias à população que foi obrigada a deixar suas casas. “A Prefeitura reafirma o compromisso em cobrar de todos os envolvidos, incluindo a Braskem, que todos os direitos da população afetada sejam garantidos”. •



DEZEMBRO VERMELHO: MINISTÉRIO DA SAÚDE ANUNCIA NOVAS AÇÕES PARA DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE HIV/AIDS

Em 2023, pasta garantiu R\$ 27 milhões na compra de 4 milhões de unidades de um teste rápido que detecta sífilis e HIV. A inclusão do teste inédito no SUS fortalece o rastreamento e tratamento mais ágil para a população

Nos últimos dez anos, o Brasil registrou queda de 25,5% no coeficiente de mortalidade por Aids, que passou de 5,5 para 4,1 óbitos por 100 mil habitantes. Em 2022, o Ministério da Saúde registrou 10.994 óbitos tendo o HIV ou aids como causa básica, 8,5% menos do que os 12.019 óbitos registrados em 2012. Apesar da redução, cerca de 30 pessoas morreram de aids por dia no ano passado. Do total, de acordo com o novo Boletim Epidemiológico sobre HIV/Aids apresentado pelo Ministério da Saúde, 61,7% dos óbitos foram entre pessoas negras (47% em pardos e 14,7% em pretos) e 35,6% entre brancos.

Os dados reforçam a necessi-

EM 2023, GOVERNO FEDERAL INVESTIU R\$ 27 MILHÕES NA COMPRA DE TESTES DE DETECÇÃO RÁPIDA E SIMULTÂNEA DE SÍFILIS E HIV

dade de considerar os determinantes sociais para respostas efetivas à infecção e à doença, além de incluir populações chave e prioritárias esquecidas pelas políticas públicas nos últimos anos. Na última quinta-feira (30), a pasta também lançou na TV aberta, nas redes sociais e em locais de grande circulação de pessoas em todo país a campanha de conscientização com o tema “Existem vários jeitos de amar e vários de se proteger do HIV”, reiterando a importância do cuidado.

Ainda segundo o boletim, na análise da variável raça/cor, observou-se que, até 2013, a cor de pele branca representava a maior parte dos casos de infecção pelo HIV. Nos anos subsequentes, houve um aumento de casos notificados entre pretos

e, principalmente, em pardos, representando mais da metade das ocorrências desde 2015.

Estima-se que, atualmente, um milhão de pessoas vivam com HIV no Brasil. Desse total, 650 mil são do sexo masculino e 350 mil do sexo feminino. De acordo com o Relatório de Monitoramento Clínico do HIV, na análise considerando o sexo atribuído no nascimento, as mulheres apresentam piores desfechos em todas as etapas do cuidado. Enquanto 92% dos homens estão diagnosticados, apenas 86% das mulheres possuem diagnóstico; 82% dos homens recebem tratamento antirretroviral, mas 79% das mulheres estão em tratamento; e 96% dos homens estão com a carga viral suprimida - quando o risco de transmitir o vírus é igual a zero - mas o número fica em 94% entre as mulheres.

Para acabar com a aids como problema de saúde pública, a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu metas globais: ter 95% das pessoas vivendo com HIV diagnosticadas; ter 95% dessas pessoas em tratamento antirretroviral; e, dessas em tratamento, ter 95% com carga viral controlada. Hoje, em números gerais, o Brasil possui, respectivamente, 90%, 81% e 95% de alcance. O Ministério da Saúde reafirma que possui os insumos necessários e já aumentou, neste ano, 5% a quantidade total de pessoas em tratamento antirretroviral em relação a 2022, totalizando 770 mil pessoas.

Em 2022, entre os casos de infecção pelo HIV notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), 29,9% ocorreram entre brancos e 62,8% entre negros (13% de pretos e 49,8% de pardos). No mesmo ano, entre os homens, 30,4% dos casos notificados ocorreram em brancos e 62,4% em negros (12,8% de pretos e

Reprodução



49,6% de pardos); entre as mulheres, 28,7% dos casos se verificaram em brancas e 64,1% em negras (13,8% de pretas e 50,3% de pardas). Para os casos notificados de aids, o cenário também preocupa: dos 36.753 diagnosticados, 60,1% estão entre a população negra.

Para aprimorar os indicadores de saúde e guiar políticas públicas de combate ao racismo, redução das desigualdades e promoção da saúde ao longo dos próximos anos, o Ministério da Saúde tornou obrigatório o preenchimento do campo raça/cor no Cartão Nacional de Saúde, o cadastro do cidadão no SUS.

AÇÕES DE RESPOSTA DO MINISTÉRIO DA SAÚDE

Segundo a Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, 900 mil pessoas vivendo com HIV conhecem seu diagnóstico, ou seja, aproximadamente 100 mil pessoas ainda precisam ser diagnosticadas para que, então, iniciem tratamento. Para ampliar essa linha de cuidado, o Ministério da Saúde garantiu, em 2023, R\$ 27 milhões na compra de 4 milhões de unidades de um teste rápido que detecta, simultaneamente, sífilis e HIV. A inclusão do teste inédito no SUS fortalece o

rastreio e tratamento mais ágil para a população.

Inicialmente, o duo teste será direcionado para o rastreio em mulheres grávidas, trabalhadoras do sexo e homens que fazem sexo com homens. As demais pessoas serão testadas com a tecnologia que já é ofertada atualmente. Entre as vantagens do novo teste, estão a simplificação do processo de execução, que exige apenas um reagente, e a redução do espaço necessário para armazenamento nos postos de atendimento. Assim como o rastreio que já é feito, a leitura de resultado do duo teste será de até 30 minutos, sem a necessidade de estrutura laboratorial.

Outro importante anúncio do governo federal neste ano foi a diminuição da quantidade de comprimidos ingeridos diariamente para as pessoas que vivem com o vírus. Em vez de dois, será um. O remédio facilita a vida do usuário, evita efeitos colaterais e mantém a carga viral controlada. A troca desse esquema terapêutico será realizada de forma gradual.

Como demonstração de compromisso com a causa, o Ministério da Saúde publicou, ainda, um novo Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) para Manejo da Infecção pelo HIV. O documento é uma espécie de guia de cuidado e assistência.



RUMO AO STF: OS PASSOS DE DINO NO SENADO

Antes da votação em plenário, Flávio Dino passará por sabatina na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), marcada para o dia 13 de dezembro.

Agência Brasil

O senador Weverton Rocha (PDT-MA) projeta pelo menos 50 votos favoráveis à aprovação da indicação do ministro da Justiça, Flávio Dino, ao Supremo Tribunal Federal (STF). Rocha é o relator da indicação.

Para aprovação, são necessários, no mínimo, votos de 41 dos 81 senadores no plenário.

O senador antecipou que irá apresenta parecer a favor da indicação de Flávio Dino. "Irei apresentar um relatório falando de sua vida vitoriosa, do pleno

saber jurídico. Temos muita tranquilidade em levar um relatório com a indicação para aprovação do nosso sabatinado", disse Weverton em entrevista à imprensa nesta terça-feira (28).

Antes da votação em plenário, Flávio Dino passará por sabatina na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), marcada para o dia 13 de dezembro.

"Eu acho que vamos sair com no mínimo 50 [votos], que é um número tranquilo para passar no plenário. Achemos que ele pode chegar a 58 ou a 62. [...] Tem colega senador que não vai votar nele, mas não tem o porquê de ele não conversar com o colega",

afirmou o relator.

Senadores de oposição ao governo têm declarado que irão votar contra a indicação, alegando politização do tribunal e revanchismo. Entre eles está Eduardo Girão (Novo-CE). "[O presidente Lula] está colocando o símbolo da revanche, colocando o símbolo da vingança, do deboche. É assim que vai pacificar o Brasil? [...]. O STF, a gente já questiona por ser muito político, tribunal politiqueiro. Vai colocar um político nato lá dentro? É muito estranho", disse o senador em pronunciamento no plenário na segunda-feira (27).

Dino foi indicado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva nesta segunda-feira (27) para ocupar vaga na Corte Suprema, aberta com a aposentadoria compulsória de Rosa Weber, que completou 75 anos no início do mês. Formado em direito pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), com mestrado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Flávio Dino foi juiz federal por 12 anos, período no qual ocupou postos como a presidência da Associação dos Juizes Federais do Brasil (Ajufe) e a secretaria-geral do Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

Com informações da Agência Senado

BRASIL, RUMO AO PLENO EMPREGO

Zeca Dirceu

Em onze meses de governo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva conseguiu colocar o Brasil no rumo certo, com melhoria da qualidade de vida da população e início da construção de um caminho para um futuro melhor a todos, em bases socialmente justas e ambientalmente sustentáveis. O país segue firme para se tornar, de novo, a sexta maior economia mundial, e o índice de geração de empregos ao longo de 2023 confirma essa tendência.

Os dados divulgados pelo IBGE em 30 de novembro revelam que a taxa de desemprego fechou em 7,6% no trimestre encerrado em outubro, menor índice desde o trimestre terminado em fevereiro de 2015. Ou seja, o total de brasileiros com emprego bateu o recorde da série histórica iniciada em 2012: pela primeira vez, a população ocupada no Brasil ultrapassou a marca de 100 milhões de pessoas, fechando o período de agosto a outubro em 100,2 milhões. Só de pessoas empregadas, o Brasil tem mais gente do que as populações totais da Itália e do Canadá somadas.

A expectativa é de que neste fim de ano as coisas melhorem ainda mais, com o índice de desemprego continuando a cair. O aumento do número de empregos no país é resultado do trabalho diuturno do governo Lula para recuperar a economia e tirar o Brasil do cená-

rio de terra arrasada deixada pelo governo bolsonarista.

Os avanços já obtidos mostram um quadro marcadamente diferente se comparado com os desastrosos quatro anos do governo anterior, cuja lógica era a das fake news, do negacionismo, do estímulo à violência, do privilégio ao grande capital e da insensibilidade à dramática situação de milhões de brasileiros com fome e desempregados. Hoje, o IBGE mostra que superamos aquele quadro dantesco, embora haja ainda muita coisa a ser feita.



Se compararmos com os períodos anteriores, fica evidente que a economia continua apresentando melhoras neste fim de ano, com os indicadores superando largamente os do ano passado, quando o país estava ainda sob o jugo de uma cartilha neoliberal.

Além da menor taxa de desemprego, o Brasil chegou ao menor contingente de desocupados em números absolutos desde o trimestre encerrado em abril de 2015. Em relação ao trimestre anterior, são 261 mil desocupados a menos. Comparado ao mesmo período de 2022, o recuo é de 8,5%, ou 763 mil trabalhadores. No trimestre, houve crescimento de 0,9% na população ocupada.

Importante destacar que o IBGE também assinalou que o número de empregados com carteira de trabalho no setor privado (sem contar os trabalhadores domésticos) chegou a 37,6 milhões de trabalhadores, o maior contingente desde junho de 2014. É um

aumento de 1,7%, ou 620 mil pessoas a mais com carteira assinada, em relação ao trimestre anterior. No trimestre encerrado em outubro, houve aumento de 992 mil empregados com carteira a mais do que havia no ano passado. Um enorme contingente com todos os direitos trabalhistas assegurados.

Já a massa de rendimento real habitual foi estimada em R\$ 295,7 bilhões, mais um recorde da série histórica do IBGE. O resultado subiu 2,6% frente ao trimestre anterior, e cresceu 4,7% na comparação anual.

Com apoio da Bancada do PT no Congresso, o governo continua empenhado em melhorar os indicadores econômicos e sociais. Uma ação estratégica é o novo Plano Plurianual (PPA) para os anos de 2024 a 2027, o qual retoma o planejamento no Brasil, desta vez com inédita participação da sociedade na formulação das prioridades orçamentárias para os próximos quatro anos. O PPA vai buscar a redução de, pelo menos, 20% da taxa de extrema pobreza, 19% da emissão de gases de efeito estufa, 75% do desmatamento e de 0,8% na diferença entre a renda dos mais ricos e os 40% mais pobres. Buscará também a elevação de, em média, 2,5% no PIB per capita e, entre 1,7 e 1,9% no rendimento domiciliar per capita nas grandes regiões. A previsão de investimentos, públicos e não públicos, é recorde: 13,3 trilhões de reais.

É a concretização de um projeto que busca para a população mais qualidade de vida, dignidade e esperança de dias melhores.

Deputado federal pelo Paraná e líder da Bancada do PT na Câmara dos Deputados

PARAPAN: BRASIL QUEBRA RECORDE DE MEDALHAS EM SEU MELHOR DESEMPENHO

País teve melhor desempenho no Parapan-Americanos e trouxe 343 medalhas para casa; resultados na modalidade são fruto de políticas públicas da área

Fernanda Otero

O Brasil quebrou novo recorde de medalhas conquistadas nos Jogos Parapan-Americanos em Santiago, no Chile. Ficou em primeiro lugar no quadro geral, com 156 ouros, 98 pratas e 89 bronzes, totalizando 343 medalhas. Novamente, os EUA ficaram na vice-liderança com 166 pódios. A Colômbia ocupou a terceira colocação conquistando 161 medalhas.

O resultado confirma a tradição do Brasil nos esportes praticados por pessoas com deficiência. Em 2019, nos últimos jogos, em Lima, Peru, o Brasil também ficou em primeiro lugar, conquistando 308 medalhas. Desde 2007, quando os jogos foram realizados no Rio de Janeiro, o Brasil promoveu campanhas cada vez melhores e manteve a primeira posição no quadro geral de medalhas.

O presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro, Mizael Conrado, ressalta que a delegação em Santiago obteve um resultado extraordinário. Ele comenta que a delegação brasileira superou todas as suas marcas. "Tivemos uma participação muito importante nos Jogos, com atletas jovens – 40% deles disputaram a competição pela primeira vez." Bolsa Atleta

O programa Bolsa Atleta, criado em 2004 no primeiro governo Lula, destina-se a desportistas



O OURO VEIO - Brasil supera 100 ouros nos Jogos de Santiago. Nadador Samuel de Oliveira (foto) garante marca histórica

que obtêm boas performances em competições nacionais e internacionais, da base ao alto rendimento. Os valores recebidos pelos atletas variam de R\$ 370 a R\$ 3.100.

Esses incentivos sofreram um duro revés durante os quatro anos de Bolsonaro, marcados por cortes de recursos e desmontes. Em 2019, o Ministério dos Esportes foi rebaixado a uma secretaria dentro do Ministério da Cidadania. Em 2020, registrou a demissão de dois terços dos funcionários que administravam a Política Nacional de Esporte, e o Departamento de Incentivo e Fomento ao Esporte dispensou 42 dos 50 funcionários da equipe. Durante a pandemia, Bolsonaro também se negou a oferecer auxílio emergencial aos profissionais da área.

Análise da Assessoria Técnica da Liderança do PT na Câmara destaca que em 2015, último

ano do governo Dilma, a dotação orçamentária destinada ao programa Bolsa Atleta foi de R\$ 241 milhões, em valores atualizados. Em 2020, sob Bolsonaro, esse montante foi de apenas R\$ 85 milhões. Para o deputado federal Ailton Faleiro (PT-PA), membro da Comissão de Esporte da Câmara, o desempenho dos atletas reflete a retomada do desenvolvimento nacional. "É um reconhecimento do esporte como parte da formação do jovem brasileiro e as 343 medalhas que o Brasil obteve no Parapan são o resultado dessas políticas", afirmou.

A Proposta de Lei Orçamentária para 2023 enviada por Bolsonaro para o esporte era de apenas R\$ 194 milhões. O governo Lula, antes mesmo de tomar posse, conseguiu ampliar a dotação orçamentária para R\$ 920 milhões. Além disso, Lula também recriou o Ministério do Esporte.

NEBULOSAS

CANÇÃO
PARA NINAR
MENINO

PAULINA

Rachel de Queiroz

CULTURA



ANTES TARDE DO QUE NUNCA: FUVEST DIVULGA LISTA DE LEITURAS OBRIGATÓRIAS SÓ COM ESCRITORAS MULHERES

Pela primeira vez desde sua criação, em 1976, a Fuvest anunciou apenas obras de escritoras mulheres na lista de leituras obrigatórias. A prova chegou a passar 15 anos sem nenhuma escritora. Machado de Assis, tradição na prova, fica de fora até 2029

Para entrar na Universidade de São Paulo, a USP, algo significativamente relevante mudou, causando alvoroço: a Fuvest, responsável pelo vestibular da USP, decidiu que a leitura obrigatória aos estudantes inscritos seria composta apenas por mulheres escritoras - algo tão inédito, quanto atrasado para uma Fundação que existe desde 1976. Antes tarde do que nunca.

O que é de se estranhar mesmo, entretanto, é a pergunta que

surge como resposta: por que, durante todos estes anos, a ausência de mulheres nunca causou alvoroço?

O atraso fica por causa dos números, além da percepção nas livrarias e outras listas de leitura: dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro, apontam que 55% de leitores brasileiros são, na verdade, 55% de leitoras brasileiras. As mulheres que consomem, de acordo com o levantamento, 5,3 livros em média, a cada ano; contra os 4,7 livros lidos pelos

homens.

Para analisar esse cenário e as repercussões sociais e culturais na literatura brasileira derivadas da decisão da Fuvest, a **Focus** convidou a escritora e antropóloga Juliana Borges para escrever sobre a importância da novidade.

Juliana é escritora e pesquisadora em Antropologia da FESPSP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo), onde estuda política criminal e relações raciais. É também cofundadora da Articulação Interamericana



MAIS PRESENÇA NEGRA - Juliana conta que, em 2029, a lista de leituras obrigatórias para a USP voltará a dar espaço para homens, privilegiando a presença negra. "Outra grita à vista?", pergunta em artigo

de Mulheres Negras na Justiça Criminal - Núcleo Brasil, e por aí segue um longo currículo de conquistas, pesquisas e atuação em campo. É autora do livro "Encarceramento em massa" (Coleção Feminismos Plurais, Polén Livros/Selo Sueli Carneiro) e "Prisões: espelhos de nós" (Todavia, impresso no prelo).

"Por 15 anos, o vestibular para uma das instituições mais importantes do país não contou com mulheres nas listas de leituras obrigatórias para o exame", relata Juliana. "A provocação da Fuvest é bem-vinda e chega em boa hora ou, como diria a geração z, "antes tarde do que mais tarde". Leia a seguir o artigo na íntegra. •

QUEM TEM MEDO DA LITERATURA ESCRITA POR MULHERES?

Juliana Borges*

Quando prestei vestibular, há 21 anos, apenas uma escritora figurava na lista de leituras obrigatórias para a prova. Dentre grandes figuras literárias, parecia não caber mais nenhuma que destoasse do gênero masculino,

não fosse Clarice Lispector e seu "A hora da estrela" (Ed. Rocco, 1917).

Não houve muita discussão de minha parte, confesso. As prioridades, para mim, eram outras, como passar no vestibular e dar seguimento aos sonhos de minha mãe, de minha avó e de minha bisavó que se consubstanciavam aos meus.

Em novembro de 2023, a Fuvest, fundação responsável pelo vestibular de ingresso à USP, anunciou a lista de leituras obrigatórias para o triênio 2026-2028 e causou alvoroço. O motivo? Para ingressar na USP, nesses anos será necessário ler apenas mulheres. Serão 9 autoras e cerca de 11 de suas obras. Entre as escritoras: Nísia Floresta, Júlia Lopes de Almeida, Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Paulina Chiziane e Conceição Evaristo.

Não é preciso dizer que não se trata de iniciantes ou escritoras pouco expressivas. Suas obras são estudadas em cursos de Letras por todo o país, a despeito da falta de presença entre quem é considerado canônico até aqui - mas há um detalhe importante diante do alvoroço que o anúncio causou: a canonização e o apagamento.

Não foi preciso ir muito longe. Bastou que realizasse uma breve verificação sobre a presença de mulheres na lista de leituras obrigatórias dos últimos 21 anos, desde que passei pela experiência de vestibulanda.

Na lista para 2003, apenas Clarice Lispector; na lista para 2020, apenas Helena Morley [pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant]; na lista para 2021, apenas Cecília Meireles, que assim figurará até 2025, ano no qual Ruth Guimarães e seu "Água Funda" (1946, Ed. 34) lhe farão companhia.

Não é brincadeira: da lista para 2004 até a lista para 2019, nenhuma escritora esteve à altura do cânone para marcar presença. Por 15 anos, o vestibular para uma das instituições mais importantes do país não contou com mulheres nas listas de leituras obrigatórias para o exame. E por que não houve alvoroço? Por que não houve incômodo? Quem tem medo da literatura

produzida por mulheres?

Por muitos anos, a crítica literária tratou a literatura produzida por mulheres como algo secundário, profundamente subjetivo, texto e pensamento sensível. Não foram poucas as vezes que escutei que Clarice Lispector era "Chatice Lispector". Esse tipo de postura e adjetivação nos faz perder enquanto humanidade e no exercício literário. E não falta qualidade.

O romance de Ruth Guimarães, "Água Funda", por exemplo, foi sucesso de crítica quando publicado, fazendo com que Antonio Candido escrevesse resenha apurada e entusiasmada. Ambos nutriram amizade por anos, de imensa estima e respeito.

Por outros críticos, a obra foi apontada como pertencente à linhagem de autores como Mário de Andrade e Jorge Amado. Uma autora gabaritada e respeitada por seus pares - "Água Funda" foi lançado no mesmo ano, 1946, e no mesmo evento de "Grande Sertão: Veredas" (Ed. Companhia das Letras), de Guimarães Rosa, e liderou o ranking dos livros mais vendidos do ano.

Por que tanto tempo para Ruth Guimarães emergir entre leituras obrigatórias?

Um dos exemplos mais contundentes é o da escritora Conceição Evaristo, uma das mais populares em atuação, hoje, no Brasil. Não apenas tem uma produção literária de imensa qualidade, como fórmula, reformula e produz a partir de inovação, fazendo incorporar em metodologias e outros fazeres literários a sua escrevivência.

A literatura de Evaristo dialoga com aquela produzida por Machado de Assis, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector e escritores contemporâneos. Seu texto nos faz submergir nos brasis, retorce temporalidade, subverte a personagem ao repo-

sicionar as vozes negras, sua presença, postura e representação literária. Sua escrita brinca com a palavra e com a língua, força o novo, tem cadência e ritmo poético no romanceiro.

A provocação da Fuvest é bem-vinda e chega em boa hora ou, como diria a geração z, "antes tarde do que mais tarde". O choque de ter uma lista inteira só de escritoras mulheres é a resposta necessária à década e meia, dos últimos 21 anos, no qual mulheres foram excluídas de suas listas.

A reação questionadora que surge em resposta é uma comprovação do que o movimento feminista problematiza e denuncia há décadas: o apagamento da presença e contribuição das mulheres em qualquer área é fruto de algo que tem nome e é incontornável de ser combatido: patriarcado. Se, há alguns anos, a resposta poderia ser "mas aqueles tempos eram outros", hoje, é impossível manter-se em desculpas.

Em 2029, a lista de leituras obrigatórias para a USP voltará a dar espaço para homens, privilegiando a presença negra. Outra grita à vista ou já teremos compreendido que escritores negros tiveram, e ainda têm, contribuição fundamental para a identidade literária-nacional? Oxalá que sim!

O fato inquestionável é que, no panteão literário que mulheres e pessoas negras vislumbram, não queremos ser absolutos porque buscamos algo chamado igualdade. Nem totalizantes, nem hegemônicos, a despeito do choque, no momento, ser mais do que necessário. Se acalmem. No mundo da igualdade, todos e todas são muito bem-vindos.

*Juliana Borges é escritora e livreira. Sócia-proprietária da Livraria Tamarindo, estudou Letras (USP). Autora dos livros "Encarceramento em massa" (Jandaíra, 2019) e "Prisões: espelhos de nós" (Todavia, 2020). Escreve para a coluna "Perspectiva Ameericana", da Revista Quatro Cinco Um.

QUEM SÃO AS AUTORAS OBRIGATÓRIAS DO VESTIBULAR DA FUVEST



• Clarice Lispector (1920-1977)

Nascida na Ucrânia, migrou para o Brasil em 1922. Da segunda geração do modernismo, Clarice escreveu conto, romance e crônica e se consagrou como autora de prosa intimista e de intensa subjetividade.

• Conceição Evaristo (1946)

Na poesia ou na prosa, a obra de Conceição Evaristo se firmou como uma das mais proeminentes da literatura contemporânea. Linguista e professora, Evaristo tematiza os cruzamentos de gênero, raça e classe.

• Djaimilia Pereira de Almeida (1982)

Professora e romancista, é considerada uma das autoras contemporâneas mais importantes da literatura angolana. Sua obra mescla biografia, ensaio e ancestralidade.

• Julia Lopes de Almeida (1862-1934)

Cronista e teatróloga, Júlia Lopes de Almeida foi uma das idea-

lizadoras da Academia Brasileira de Letras - e impedida. Defensora da abolição da escravidão e da república, foi também uma militante do acesso a educação, aos direitos civis e ao divórcio às mulheres.

• Lygia Fagundes Telles (1918-2022)

Lygia Fagundes Telles destacou-se como contista, embora também tenha escrito romance. Com temas urbanos, flagrou a vida brasileira do século 20, sob a ótica das mulheres.

• Narcisa Amália (1852-1924)

Narcisa Amália foi educadora, poetisa e a primeira mulher a trabalhar profissionalmente como jornalista no Brasil. Publicou um único livro, *Nebulosas* (1872), em que aborda combina comentários políticos e versos líricos.

• Nísia Floresta (1810-1885)

Considerada a primeira educadora e jornalista feminista do Brasil, escreveu prosa e poesia. Escreveu e publicou seu primei-

ro livro aos 22 anos. Era abolicionista e defensora dos direitos de povos indígenas.

• Paulina Chiziane (1955)

Foi a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique e também a primeira mulher africana agraciada com o Prêmio Camões. Lutou pela independência de seu país do domínio da colonização portuguesa.

• Rachel de Queiroz (1910-2003)

Rachel de Queiroz é uma das grandes autoras do regionalismo. Estreou aos 19 anos com "O Quinze", romance que chamou atenção pela maturidade e pela capacidade de análise psicológica.

• Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004)

Poeta, contista e tradutora, Sophia de Mello Breyner Andresen é a única autora de Portugal da lista. Na poesia, caracterizou-se por uma escrita apoiada na erudição e no rigor, mas, ao mesmo tempo, acessível.



RECONHECIMENTO - Salão onde Conceição fez sua apresentação não comportou o público, que se aglomerou do lado de fora para vê-la falar em uma das várias mesas de que participou a escritora

FLIP CONSAGRA A VETERANA CONCEIÇÃO EVARISTO

Em meio ao apagão, e concorrendo com programação paralela, a 21ª edição da festa, que homenageou a escritora modernista Pagu, exaltou força da literatura escrita por mulheres

Bia Abramo

Pelo jeito, nem o mês, considerado inadequado por organizadores e público, nem o apagão, nem as polêmicas conseguiram derrubar o discreto charme da Flip, que este ano completou 21 anos. Ao longo dessas duas décadas, a festa não apenas botou a cidade de Paraty no mapa literário do Brasil, como se transformou num

dos grandes eventos em torno do livro do ano.

A Flip hoje em dia tem programação paralela quase tão atraente quanto a oficial, com destaque para a Flipei, Festa Literária de Paraty das Editoras Independentes, espécie de resposta mais democrática (a programação de palestras é de graça) e mais subversiva à programação oficial. Com isso, durante cinco dias, a jóia colonial do litoral fluminense se enche de escritores, editores, jornalistas e

visitantes para celebrar a palavra escrita: este ano, a cidade recebeu 27 mil visitantes entre 22 e 26 de novembro.

A homenageada desta edição da Flip foi a escritora modernista Patrícia Galvão (1910-1962), a Pagu, autora cuja obra poética e de prosa tem sido redescoberta pela academia e pelo público, tanto pelo seu ativismo político (Pagu foi militante do Partido Comunista Brasileiro nos anos 30 e, mesmo rompida com o PC, se-



POP STAR DAS LETRAS - Conceição Evaristo só começou a publicar depois dos 40 anos foi o grande sucesso de Paraty durante a Flip e os eventos paralelos: centenas de fãs formaram filas para ver a escritora na programação

guiu defendendo o socialismo; perseguida pelo Estado Novo, foi presa mais de 20 vezes) como pelas releituras da importância das figuras femininas no modernismo. Com uma homenageada rebelde, revolucionária e feminista do tamanho de Pagu, a Flip 2023 também se manteve nesse tom, com predominância de mesas compostas por mulheres.

Ainda que a ausência de "grandes nomes" tenha sido bastante criticada por quem pagou ingressos de R\$ 130,00 na programação oficial, intervenções como a da escritora Conceição Evaristo, ou mesas que reuniram apenas mulheres em algumas das mesas -duas delas, a que juntou a crítica literária Denise Carascosa, a arquiteta Joice Berth e a ex-deputada federal Manuela D'Ávila e a que tinha Carla Akotirene, feminista baiana, e Akwaeke Emezi, escritora não binária nigeriana, terminaram com o público aplaudindo de pé. Também foram destaque as participações da dramaturga e ensaísta Leda Maria Martins (ela rainha de Nossa Senhora das Mercês, no reina-

do de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, em Belo Horizonte, uma tradição banto), da documentarista indígena Glicéria Tupinambá (que fez um ritual de dança) e da poeta Luiza Romão (que empolgou a plateia lendo seus poemas e do poeta cubano Marcial Gala em ritmo de slam).

O grande destaque, no entanto, foi a participação de pop star de Conceição Evaristo. A escritora de 77 anos e que só começou a publicar depois dos 40 anos, depois de uma bem-sucedida carreira como professora universitária, atraiu centenas de fãs que formaram filas para ver a escritora nas mesas das quais participou na programação oficial e na paralela ou em busca de autógrafa em seus livros prediletos. A feminista italiana Silvia Federici, referência nos estudos de gênero e estrela da programação da Flipei, também causou frisson entre as leitoras.

Para o ano que vem, a organização do evento deve puxar a data para setembro, uma vez que o calor excessivo, ao lado do apagão que prejudicou mui-

to os dois primeiros dias de programação, foi considerado um dos vilões de uma Flip que foi apelidada de "Flip do apocalipse". Para as vendas de livros, que costumavam ser um dos atrativos da festa para os livreiros, o mês de novembro também não é dos melhores, por conta da Black Friday. Ainda assim, a livraria oficial da festa, a Livraria da Travessa, vendeu apenas 15% a menos do que a edição do ano passado. Entre os mais vendidos, a escritora cearense Socorro Acioli emplacou dois títulos, "Oração para desaparecer" (2023) terminou o evento com o primeiro lugar e "A cabeça do santo" (Cia. das Letras) ficou em terceiro lugar. De Pagu, a escritora homenageada, os leitores procuraram a "Autobiografia precoce" e "Parque Industrial" (Cia. das Letras), de Patrícia Galvão (Pagu), além do estudo do poeta concretista Augusto de Campos, "Pagu: vida e obra". Também "Macabéa: Flor de Mulungu", obra de Conceição Evaristo lançada este ano, apareceu na lista dos mais vendidos.



1º de dezembro de 1944

TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO ESTREIA

O grupo, que busca atores nas camadas pobres, visa conscientizar e alfabetizar

O Teatro do Estudante do Brasil abre espaço para a apresentação da primeira peça do Teatro Experimental do Negro (TEN), que apresenta a peça "Palmares", de Stella Leonardos.

A companhia teatral fundada por Abdias do Nascimento busca a conscientização e também a alfabetização do elenco, recrutado entre operários, empregadas do-

mésticas, favelados sem profissão definida e modestos funcionários públicos. Além disso, o TEN procurava estimular a criação de textos relacionados à situação do negro.

Em maio de 1945, encenariam o espetáculo "O Imperador Jones", de Eugene O'Neill, que cedeu os direitos gratuitamente ao grupo. O espetáculo, dirigido por Abdias do Nascimento, apresentado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, foi bastante elogiado pela crítica e público.



8 de novembro de 1960

VENEZUELA REELEGE HUGO CHÁVEZ

Hugo Chávez é eleito presidente da Venezuela pela terceira vez, com 62,84% dos votos, à frente de Manuel Rosales, candidato da oposição, com 36,9%.

Chávez aprofundaria seu papel como uma das principais lideranças regionais da esquerda latino-americana, com destaque para a política externa de contraposição ao governo norte-americano e a resistência à Alca (Área de Livre Comércio das Américas), proposta por Washington. Seus mandatos sofreriam forte oposição das elites, mas teriam amplo apoio popular, graças às políticas de distribuição de renda e redução da pobreza.

Hugo Chávez ainda seria reeleito para um quarto mandato em 2012, mas morreria já empossado, vítima de câncer, no dia 5 de março de 2013. O vice-presidente, Nicolás Maduro, foi eleito para substituí-lo.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br memorialdademocracia.com.br

Reprodução

2 de dezembro de 1945 APÓS 12 ANOS, PAÍS TEM ELEIÇÕES LIVRES

Pela primeira vez depois de 12 anos, os brasileiros vão às urnas. Os eleitores – cidadãos e cidadãs maiores de 18 anos e alfabetizados – escolhem, além do presidente da República, também os deputados e senadores que elaborarão a nova Constituição. Pela primeira vez, as mulheres votam para presidente.

O país chegava às eleições presidenciais com dois militares disputando o cargo: pela opositora União Democrática Nacional (UDN), o brigadeiro Eduardo Gomes; e, pelo Partido Social Democrático (PSD), o general Eurico Gaspar Dutra, que havia sido ministro da Guerra de Vargas desde 1936 e deixara o cargo em agosto para se candidatar.

Dutra teve 52,39% dos votos, contra 34,74% do brigadeiro, que chegou a despontar como favorito no início da campanha. Ildo Fiúza, o candidato lançado à última hora pelo secretário-geral do Partido Comunista do Brasil (PCB), Luís Carlos Prestes, recebeu 10% dos votos.

O perfil conservador da Constituinte se definiu pela enorme bancada do PSD (151 deputados e 24 senadores) e pelo significativo número de parlamentares da UDN (77 deputados e 11 senadores). O PTB elegeu 22 deputados e 1 senador (Getúlio). Já os comunistas elegeram 14 deputados federais e um senador – o próprio Prestes. A escolha dos parlamentares foi fundamental em 1945, já que eles elaborariam a Constituição, a quarta da história republicana do Brasil.



9 de novembro de 1964

DITADURA JOGA A UNE E A UEES NA ILEGALIDADE

A União Nacional dos Estudantes (UNE) e as entidades estudantis estaduais e municipais estiveram entre os primeiros alvos do golpe de abril de 1964. A sede da UNE na praia do Flamengo, no Rio, foi incendiada e seus dirigentes entraram na clandestinidade. A polícia política também perseguiu dirigentes das Uniãos Estaduais de Estudantes (UEEs) e das uniões de secundaristas.

O novo ministro da Educação, Flávio Suplicy de Lacerda, propôs um projeto de lei para enquadrar a representação estudantil na nova ordem. Diretórios Acadêmicos, por curso, e Diretórios Centrais de Estudantes, por universidade, passariam a funcionar sob controle

oficial, restringindo-se a assuntos acadêmicos e assistenciais. Para suceder a UNE, a lei previa um Diretório Nacional dos Estudantes, que deveria se reunir em Brasília somente nas férias e sob controle direto do MEC.

A Lei 4.464 foi aprovada pelo Congresso e sancionada pelo general presidente Castelo Branco em 9 de novembro. Conhecida como Lei Suplicy, ela significou para o movimento estudantil a revogação do livre direito de organização e manifestação – medida que já tinha atingido os trabalhadores com o banimento do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e a Lei Antigreve.

11 de novembro de 1965

PROTESTO LEVA 'OITO DO GLÓRIA' À PRISÃO

Intelectuais promovem uma manifestação contra a ditadura em frente ao Hotel Glória, no Rio de Janeiro. No local, realizava-se uma conferência da Organização dos Estados Americanos (OEA) com a presença do general presidente Castelo Branco.

Foram presos e levados ao quartel da Polícia do Exército Antônio Callado, Carlos Heitor Cony, Thiago de Mello, Jaime de Azevedo Rodrigues, Flávio Rangel, Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade e Mário Carneiro.



BRASÍLIA RECEBE CONFERÊNCIA ELEITORAL DO PT

Batizada com o nome de Marco Aurélio Garcia, a conferência reunirá em Brasília, nos dias 8 e 9 de dezembro, os pré-candidatos e pré-candidatas do PT às eleições municipais

O município é onde vivem as pessoas, onde se estabelecem as relações com o trabalho, o transporte, o meio ambiente, o espaço urbano, a saúde e a educação. O Partido dos Trabalhadores tem deixado sua marca nas gestões municipais a partir de dois grandes eixos: inversão de prioridades em benefício dos trabalhadores e excluídos e participação

popular.

Em 2012, o PT chegou a eleger 638 prefeitos de cidades brasileiras de todos os estados da federação.

Os ganhos em políticas públicas para os cidadãos brasileiros foram interrompidos a partir de 2016, com o golpe que sofreu a ex-presidenta Dilma Rousseff. Em 2020, a legenda, que tem Gleisi Hoffmann como presidente, mesmo com incessante campanha

diária na imprensa corporativa contra o partido, conseguiu eleger 183 prefeitos - um saldo negativo de 71 prefeituras com relação ao período anterior.

O Brasil está a um ano da disputa eleitoral que elegerá chefes do Executivo em 5.568 municípios, além de quase 60 mil vereadores. São mais de 150 milhões de eleitores brasileiros aptos a votar no próximo pleito - primeiro turno será em 6 de outubro de 2024. O segundo, nas cidades em que haja necessidade, em 27 de outubro.

De olho em 2024, para discutir projetos políticos de forma coletiva, ouvindo caravanas de dirigentes, assessores e parlamentares de todo o país, o Partido dos Trabalhadores vai realizar, nos dias 8 e 9 de dezembro, em Brasília, a Conferência Eleitoral PT 2024 Marco Aurélio Garcia, em parceria com a Fundação Perseu Abramo.

Durante os dois dias de atividades no Centro de Convenções Ulisses Guimarães, cerca de 3.000 dirigentes, lideranças, vereadores e vereadoras, prefeitos e prefeitas, pré-candidatos e pré-candidatos participarão de palestras,

grupos de trabalho, atividades de economia solidária e criativa e exposições culturais. A Conferência Eleitoral PT 2024 Marco Aurélio Garcia terá um total de 20 mesas de debate. A programação do dia 8 e do dia 9 já está disponível. As inscrições já foram encerradas.

O presidente Lula já confirmou presença durante a abertura oficial da Conferência Eleitoral que será realizada no dia 8 de dezembro. Também já estão confirmadas as participações de Janja da Silva e dos ministros Fernando Haddad, da Fazenda, e Paulo Pimenta, da Secretaria de Comunicação da Presidência da República (Secom) nas mesas de debates que ocorrerão durante os dois dias do evento.

Na sexta-feira, 8 de dezembro, primeiro dia do evento, estão programados debates, palestras e exposições que são atividades de cunho formativo, organizados pela Fundação Perseu Abramo. “Quero fazer um reconhecimento da gestão da Fundação que sob a liderança do Paulo Okamoto que está investindo 100% na formação”, ressaltou Gleide Andrade, secretaria nacional de Finanças e Planejamento do PT. A programação completa organizada pela FPA está disponível no site da instituição, com destaque na página principal.

MODO PETISTA DE GOVERNAR

O PT tem deixado sua marca nas gestões municipais a partir de dois grandes eixos: a inversão de prioridades em benefício dos trabalhadores e excluídos e a participação popular. O Modo Petista de Governar é fruto das estratégias e políticas do partido, das experiências de governo em diferentes esferas públicas, do diálogo com a sociedade e especialmente com os movimentos sociais.

Assim, a Conferência Eleito-

ral PT 2024 parte dessa história construída a muitas e diversas mãos para propor novas e ricas experiências de gestão para os municípios de norte a sul do país.

O evento é mais uma ação do partido na construção da estratégia eleitoral para as eleições municipais de 2024, fundamentais para as consolidações de políticas sociais, inclusão e desenvolvimento econômico, resgatadas desde que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tomou posse.

O Modo Petista de Governar é fruto das estratégias e políticas do Partido dos Trabalhadores, das experiências de governo em diferentes esferas públicas, do diálogo com a sociedade e especialmente com os movimentos sociais.

Assim, a Conferência Eleitoral PT 2024 parte dessa história construída a muitas e diversas mãos para propor novas e ricas experiências de gestão para os municípios de norte a sul do país.

FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

“A ideia é que a gente possa fazer uma imersão com nossos pré-candidatos e pré-candidatas para que todos saiam munidos de mais informação e também de mais formação sobre o que é o PT, qual é o papel de um candidato, como montar seu programa de governo, como fazer essa estratégia de comunicação, desde a pequena até a maior cidade. É um mix de atividades”, anunciou a dirigente Gleide Andrade, em entrevista ao Jornal PT Brasil da TVPT. Ela enfatizou a prioridade do partido de formar o time para a disputa e eleger o maior número de prefeitos e vereadores.

A conferência terá grande ato de abertura com o presidente Lula no Centro de Convenções Ulysses Guimarães. “Queremos fazer um ato muito bonito para que todos possam ver o nosso presidente, os nossos ministros e

ministras, a nossa direção do PT e queremos a presença de todos os prefeitos que temos hoje”, salientou Gleide, ao lembrar que coordenadores de campanha também estão convidados a participar da conferência.

PROGRAMAÇÃO

A programação da conferência na sexta-feira (8/12) inicia com o credenciamento dos participantes, seminário internacional e abertura com a manifestação do presidente Lula e de Gleisi Hoffmann. O encontro será realizado no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília.

No sábado, dia 9, a programação prossegue com feira de economia solidária, atividades artísticas, exposição fotográfica sobre o modo petista de governar, discussão sobre comunicação, planejamento de campanha, experiências de gestões municipais, programa de governo, debates setoriais e encerramento com apresentação de relatório de grupos temáticos. Além disso, haverá um show de encerramento: o grupo Olodum se apresentará com a bateria da Mangueira, tradicional escola de samba do Rio de Janeiro.

O credenciamento ocorrerá das 9h às 17h do dia 8 de dezembro na Ala Oeste do Centro de Convenções Ulysses Guimarães, que fica localizado no Eixo Monumental, no Setor de Divulgação Cultural, próximo a região hoteleira e da Esplanada dos Ministérios e dos principais pontos turísticos da capital.

Na página oficial do evento, o PT disponibilizou uma lista de informações úteis, com pesquisa de serviços e produtos mais acessíveis para que todos possam participar. O traslado e hospedagem no Distrito Federal é de responsabilidade de cada participante. •



BRASIL

200 anos de lutas e resistências do povo trabalhador

Everaldo de Oliveira Andrade (Org.)

Ângela Maria de Sousa Silva | Berenice Gomes da Silva
Carlos A. Ferreira Martins | Cynthia Soares Carneiro
Eduardo Silveira Netto Nunes | Fernanda Rodrigues Galve
Francisco das Chagas Pereira | Francisco Elias de Araújo
Jean Pierre Chauvin | João Maurício Gomes Neto | John Kennedy Ferreira
José Sergio Gabrielli de Azevedo | Kátia Cilene do Couto
Lyndon de Araújo Santos | Marcelo Sampaio Carneiro
Márcia Regina Barros da Silva | Raimunda N. Monteiro | Ronald Rocha
Vitor Eduardo Schincariol | Zeneide Pereira Cordeiro



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

HUCITEC
EDITORA

MADRID - 24, 25 e 26 DE NOVEMBRO DE 2023

VI EPTEX

ENCONTRO DE PETISTAS NO EXTERIOR



ORGANIZAÇÃO:



PARTIDO DOS TRABALHADORES

SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS



PARTIDO DOS TRABALHADORES
NÚCLEO DE MADRID



Núcleo
Lisboa



FUNDAÇÃO

Perseu Abramo

Partido dos Trabalhadores



NÚCLEO
Comunidade
Valenciana



NÚCLEO DA
GALIZA

Madaba Br